

## Percepção dos professores do ensino infantil e fundamental acerca de primeiros socorros no ambiente escolar

*Perception of early childhood and elementary school teachers regarding first aid in the school environment*

Leonardo Rafael Ribeiro Oliveira Silva<sup>1</sup>, Damaris Luiza Pereira e Silva<sup>2</sup>, Rossana Vanessa Dantas de Almeida Marques<sup>3</sup>

### RESUMO

Realizou-se este estudo com o objetivo de avaliar o saber de professores sobre primeiros socorros, identificando fatores que têm influência sobre isso. A abordagem foi quali-quantitativa, aplicando questionário misto a 310 professores de escolas públicas e privadas de Imperatriz/MA (Brasil). Constatou-se que 68,6% dos docentes nunca receberam capacitação prévia. Apesar de 86,6% dos professores já terem presenciado emergências escolares, como quedas (41,5%), engasgo (25,5%) e crises convulsivas (22,1%), 59,8% se declararam pouco preparado e 33% despreparado para agir. A regressão linear múltipla mostrou significância estatística entre capacitação prévia ( $p=0,002$ ), autopercepção de preparo ( $p=0,005$ ) e maior pontuação no Teste de Primeiros Socorros para Educadores. Verificou-se escassez de itens de primeiros socorros nas escolas, como talas (7,4%), ataduras (15,4%) e bolsa de gelo (30,5%), agravando a falta de resposta eficaz. Portanto, embora o mérito da noção sobre primeiros socorros seja atestado por toda a amostra, a autopercepção de despreparo e insegurança exerce influência negativa sobre o domínio do assunto, enquanto a capacitação prévia atestou influência positiva, expondo um perfil de educadores pouco capacitados, inseguros e com ralos saberes acerca do tema.

**Palavras-chave:** Primeiros socorros. Professores. Crianças. Educação. Conhecimentos. Atitudes e Práticas em Saúde.

### ABSTRACT

This study aimed to assess teachers' knowledge of first aid and to identify factors influencing this knowledge. A qualitative-quantitative approach was adopted, applying a mixed questionnaire to 310 teachers from public and private schools in Imperatriz, Maranhão, Brazil. It was found that 68.6% of the teachers had never received prior training. Although 86.6% had already witnessed school emergencies such as falls (41.5%), choking (25.5%), and seizures (22.1%), 59.8% reported feeling poorly prepared and 33% unprepared to act. Multiple linear regression analysis showed a statistically significant association between prior training ( $p=0.002$ ), self-perceived preparedness ( $p=0.005$ ), and higher scores on the First Aid Test for Educators. A shortage of first aid supplies was also observed in schools, including splints (7.4%), bandages (15.4%), and ice packs (30.5%), further compromising effective responses. Therefore, although basic awareness of first aid was recognized across the sample, self-perception of unpreparedness and insecurity exerted a negative influence on knowledge, whereas prior training demonstrated a positive impact, outlining a profile of educators who are undertrained, insecure, and with limited knowledge on the subject.

**Keywords:** First aid. Teachers. Children. Education. Knowledge. Attitudes and Practices in Health.

<sup>1</sup>Graduando em Medicina, Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: leonardooliveirasill@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3708-666X>

<sup>2</sup>Graduanda em Medicina, Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão.

E-mail: damarisluizapereiraesilva@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8116-0455>

<sup>3</sup>Doutora, Professora Adjunta do Curso de Medicina na Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: rossana.marques@ufma.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8287-7137>

## 1. INTRODUÇÃO

Define-se acidentes como episódios não premeditados, causados por agentes externos, com potencial de resultar em danos físicos, materiais e/ou psicológicos, resultantes de ações ou omissões humanas e de condicionantes técnicos e sociais, configurando, assim, um conjunto de agravos à saúde, que pode ou não levar a óbito, constando na Classificação Internacional de Doenças – CID (OMS, 1985 e OMS, 1995) – sob a denominação de causas externas.<sup>1</sup> Primeiros socorros, por sua vez, é uma expressão que define cuidados imediatos prestados à vítima de acidentes ou de mal súbito, com o objetivo de manter as funções vitais e evitar o agravamento de suas condições, aplicando medidas e procedimentos básicos até a chegada de assistência qualificada.<sup>2</sup>

O Ministério da Saúde considera que o ingresso da criança na escola é marcado pela construção de autonomia, e que isso pode favorecer à maior exposição aos riscos.<sup>3</sup> A conclusão de um compilado de estudos demonstra que os acidentes envolvendo crianças e adolescentes estão relacionados com: gênero, idade, imaturidade cognitiva, desenvolvimento neuropsicomotor, deficiências física e/ou mental e fatores socioeconômicos, ambientais e de vulnerabilidade social, entre outros.<sup>4-5</sup> Quanto mais jovem menor a percepção de risco e maior a vulnerabilidade da criança a acidentes.<sup>6</sup> Logo, crianças na primeira infância (0 a 6 anos) representam um grupo que merece atenção especial, uma vez que a maioria dos acidentes que ocorrem nessa faixa etária estão associados à conjuntura das crianças na primeira infância<sup>7</sup>.

Quando a criança está na escola, a responsabilidade sobre sua integridade física é da instituição. No momento que a criança ou o adolescente se encontra sobre a dependência da instituição de ensino, há uma transferência temporária de guarda do menor à escola, de modo que quem suportará todos os ônus da vigilância, inclusive o de indenizar, será a escola.<sup>8</sup> Tal encargo está fundamentado juridicamente, a exemplo do inciso IV do Art. 932 do Código Civil, Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, define que os estabelecimentos onde se albergue por dinheiro, mesmo para fins de educação, pelos seus hóspedes, moradores e educandos são responsáveis pela reparação civil diante de um ato ilícito que tenha causado dano ao próprio autor ou a outrem, independentemente de culpa.<sup>9</sup>

Nesse sentido, os responsáveis pela preservação da integridade da criança podem ser penalizados em caso de omissão de socorro. “Deixar de prestar assistência, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, à criança abandonada ou extraviada, ou à pessoa

inválida ou ferida, ao desamparo ou em grave e iminente perigo; ou não pedir, nesses casos, o socorro da autoridade pública”, esclarece o Art. 135, Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.<sup>10</sup> Vale destacar que, no Brasil, a Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018 (Lei Lucas) torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil, de maneira que o curso deva ser ofertado anualmente para capacitação e/ou reciclagem.<sup>11</sup>

Crianças e adolescentes passam cerca de um terço de seu dia na escola, onde há espaços mais passíveis de acidentes, como quadra esportiva, pátio, parquinho, escadas, banheiro, cozinha etc.<sup>12</sup> Nas aulas de educação física há uma grande incidência<sup>13-14</sup>, sendo os principais agravos relatados pelos professores: convulsões, entorses, fraturas, queimaduras, quedas, desmaio, engasgos etc.<sup>15</sup> Segundo o Sistema de Informações Hospitalares (SIH) do DATASUS, somente no ano de 2019, houve um total de 112.643 internações hospitalares ocasionadas por acidentes envolvendo crianças de 0 a 14 anos, das quais houve 52.613 ocasionadas por quedas, 21.023 por queimaduras e 479 por sufocação. Os óbitos por acidentes desse público foi de 3.318 no ano de 2018, 866 por afogamento, 791 por sufocação e 200 por queimaduras.<sup>16</sup>

Tendo em vista a suscetibilidade das crianças a violência e acidentes espelhada nos índices de óbitos e internação hospitalar por agravos, passíveis de ocorrência na escola, e a responsabilidade civil que a instituição possui sobre o estudante verifica-se a imprescindibilidade do entendimento sobre o assunto pelos profissionais escolares. Apesar da relevância, este conhecimento ainda é pouco difundido, permanecendo, na maioria das vezes, limitado aos profissionais de saúde. Portanto, este estudo tem como objetivo investigar o conhecimento de professores da educação infantil e do ensino fundamental acerca de primeiros socorros, identificando os fatores que influenciam seu desempenho em situações de emergência no ambiente escolar.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Realizou-se estudo descritivo e exploratório, com abordagem quali-quantitativa, cujos dados foram coletados entre julho de 2023 e abril de 2024, por meio da aplicação de um questionário previamente elaborado e estruturado, com base em diretrizes reconhecidas da literatura médica e em normativas aplicáveis, como a Lei Lucas.<sup>11</sup>

Para realização do estudo obteve-se a assinatura do Termo de Anuência da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Em seguida, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê Ética e Pesquisa em Seres Humanos sob o parecer nº: 6.317.829 e CAAE nº 68992123.7.0000.5087, autorizando a coleta de dados.

Participaram do estudo professores dos níveis de ensino infantil e fundamental I, que atuavam em instituições públicas e privadas da cidade de Imperatriz, Maranhão. A inclusão dos participantes foi voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo excluídos aqueles que se recusaram a participar ou estavam impossibilitados de participar no momento da aplicação do instrumento de pesquisa. Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados pela letra "P", seguida de um número sequencial, como P1, P2 e assim por diante.

A amostra da pesquisa (n) foi determinada em pelo menos 305 participantes, com intervalo de confiança de 95%, a partir da fórmula abaixo, considerando os dados do censo escolar de 2021 publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)<sup>17</sup>, o qual aponta que há 609 docentes do ensino infantil e 847 do ensino fundamental dos anos iniciais em Imperatriz/MA, correspondendo a um total de 1.456 professores que atuam nesses níveis de ensino.

O instrumento de pesquisa constitui-se de um questionário que continha 24 perguntas e composto por duas seções principais: caracterização sociodemográfica e profissional e o conhecimento e percepção sobre primeiros socorros. A primeira parte incluiu perguntas sobre sexo, faixa etária, formação acadêmica, nível de ensino em que lecionam, tipo de escola (pública ou privada), e experiência prévia com situações de emergência escolar. Na sequência, avaliou a autopercepção dos participantes quanto à sua capacidade de prestar primeiros socorros, o conhecimento sobre a Lei Lucas<sup>11</sup>, e a experiência em capacitações sobre o tema. O fim da segunda seção incluiu um Teste de Primeiros Socorros para Educadores (TPSE) com 10 questões objetivas sobre primeiros socorros: 1) primeiro contato para quem se deve ligar em situação de emergência; 2) convulsão; 3) choque elétrico; 4) intoxicação; 5) sangramento nasal; 6) quedas; 7) síncope; 8) engasgamento; 9) afogamento e 10) queimaduras.

Após a coleta, os dados foram organizados e analisados por meio do software JAMOVI (versão 2.3.28). Inicialmente, foram realizadas análises descritivas com o cálculo de frequências e proporções, a fim de descrever o perfil da amostra e a distribuição das variáveis sociodemográficas e de conhecimento. Em seguida, procedeu-se à modelagem

estatística utilizando regressão linear múltipla, tendo como variável dependente o desempenho no Teste de Primeiros Socorros para Educadores, com pontuação variando de 0 a 10. As variáveis independentes incluídas no modelo foram: gênero, faixa etária, tipo de escola, nível de ensino, escolaridade, percepção de preparo, capacitação em primeiros socorros e experiência com emergências escolares. Para garantir a validade estatística do modelo, a análise de regressão foi antecedida pela verificação dos pressupostos de normalidade, homocedasticidade e ausência de multicolinearidade.

A regressão linear múltipla foi utilizada para identificar fatores associados ao desempenho dos professores no Teste de Primeiros Socorros para Educadores (TPSE). O modelo buscou determinar a influência de variáveis independentes (vivências de situações de emergência na escola, capacitação prévia, autopercepção de preparo e características sociodemográficas) na variável dependente, que foi a pontuação obtida no TPSE (em uma escala de 0 a 10). Esta abordagem permitiu avaliar simultaneamente o impacto de múltiplos fatores, considerando interações complexas entre eles, com intervalo de confiança de 95%, considerando uma relevância significativamente estatística para valores de  $p < 0,05$ .

### 3. RESULTADOS

O questionário foi aplicado em 32 escolas, sendo 10 privadas e 22 públicas, envolvendo a participação de 310 professores, sendo excluídos 4 participantes cujas respostas eram inconsistentes quanto à escolaridade, uma vez que estes afirmaram possuir apenas o ensino médio e também responderam a questão aberta afirmando graduação em pedagogia. Quanto ao público, a idade variou de 19 a 67 anos (média = 40,00; desvio padrão = 10,10), sendo verificado, através de frequência inferencial, uma predominância da faixa etária dos 19 aos 39 anos (Tabela 1). A maioria foi representada pelo sexo feminino, com nível superior de ensino (87,6%) e educadores de escola pública (67%), ao passo que se observou ainda uma distribuição equilibrada entre os professores que lecionam na educação infantil e no ensino fundamental I, indicando proporções similares entre esses grupos (Tabela 1). Ademais, foi averiguada a quantidade de professores que teve contato prévio com algum conteúdo de ensino sobre primeiros socorros, resultando em 210 professores que negaram ter recebido qualquer tipo de capacitação sobre noções básicas de primeiros socorros durante a sua vida profissional (Tabela 1).

No que diz respeito sobre a experiência dos professores sobre primeiros socorros, averiguou-se que a maioria dos participantes já presenciou alguma adversidade que necessitou de primeiros socorros em algum momento da sua vida profissional no ambiente escolar (Tabela 1). Dentre os agravos já testemunhados, os principais foram sangramento nasal (n= 177), desmaio (n= 138), quedas (n= 122), engasgamento (n= 75) e crise convulsiva (n= 65).

Tabela 1. Perfil de professores de ensino infantil e fundamental entrevistados.

Variável	n	%
<b>Gênero</b>		
Feminino	293	95,8
Masculino	13	4,2
<b>Faixa etária</b>		
19-39 anos	156	51,0
40-59 anos	142	46,4
60+ anos	8	2,6
<b>Nível de ensino que leciona</b>		
Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)	135	44,1
Ensino Infantil e Fundamental I	31	10,1
Ensino Infantil (0 a 5 anos de idade)	140	45,8
<b>Nível de escolaridade</b>		
Ensino médio	38	12,4
Graduação	121	39,6
Pós-graduação	147	48,0
<b>Tipo de escola que leciona</b>		
Privada	96	31,4
Pública	205	67,0
Pública e privada	5	1,6
<b>Capacitação em primeiros socorros</b>		
Não	210	68,6
Sim	96	31,4
<b>Presenciou alguma emergência na escola</b>		
Não	41	13,4
Sim	265	86,6

Fonte: Autores (2024).

Os participantes foram inquiridos sobre o conhecimento da Lei Lucas<sup>11</sup>, que torna obrigatória a capacitação de professores e outros funcionários em primeiros socorros na escola, revelando que apenas pouco mais da metade dos educadores afirmou conhecê-la (Tabela 2).

A Tabela 2 também expõe a autodeclaração quanto à preparação para prestar primeiros socorros, em que a maioria se sentia pouco preparada ou despreparada (92,8%),



contra um percentual irrisório de participantes que afirmou estar muito preparado para tais situações (0,7%). Ainda quanto à autopercepção, houve um percentual de apenas 26,5% dos participantes que afirmaram saber o que fazer caso presenciasse a cena de uma criança sofrendo engasgo, um dos principais acidentes envolvendo escolares.

**Tabela 2.** Percepção dos professores acerca da abordagem em primeiros socorros no ambiente escolar.

Variável	n	%
<b>Conhece a Lei Lucas (Lei n.º 13.722/2018)</b>		
Não	134	43,8
Sim	172	56,2
<b>Considera-se apto para socorrer engasgo</b>		
Não	225	73,5
Sim	81	26,5
<b>Percepção do preparo para prestar primeiros socorros</b>		
Despreparado(a)	101	33,0
Muito preparado(a)	2	0,7
Pouco preparado(a)	183	59,8
Preparado(a)	20	6,5

**Fonte:** Autores (2024).

Para a questão subjetiva sobre a importância de primeiros socorros no ambiente escolar, a resposta “sim” foi unânime, com diversas justificativas baseadas no bem-estar da criança que se encontra na dependência da instituição, a saber: a suscetibilidade das crianças a ocorrências que merecem urgência/emergência; o reconhecimento do importante papel do professor em primeiros socorros na escola; o risco de acidentes como engasgo durante a alimentação; a necessidade de agir rápida e certamente para manter a segurança da cena, entre outras. Segue alguns exemplos de resposta dos professores:

• **P73:** “Sim. Para trabalhar com crianças é necessário o cuidado e atenção redobrada, por se tratar de crianças. Qualquer acidente ou situação inesperada requer atenção e urgência.”

• **P83:** “Sim. É de suma importância que nós professores precisamos conhecer técnicas de primeiros socorros. Elas são indispensáveis em momentos de emergência, quando precisamos agir de forma rápida enquanto aguardamos o atendimento médico especializado.”

• **P84:** “Sim. Geralmente há merenda nas escolas públicas, caso um aluno tenha problemas com alimentação, não sei reagir.”

- **P254:** “Sim. É de grande importância por que pode evitar a piora do quadro no qual a pessoa se encontra, contribui não apenas para salvar a vida mas também para manter o ambiente seguro.”

Quanto aos materiais de primeiros socorros presentes na escola, foi constatado que itens simples e rotineiros para prestar assistência em algum agravo eram escassos, tais como os produtos a seguir em ordem crescente de frequência nas instituições: talas/imobilizadores (7,4%), ataduras (15,4%) e bolsa de gelo (30,5%). O item presente com maior frequência nas escolas foi a tesoura sem ponta (72,1%).

Considerando uma variação de 0 a 10 pontos, a média atingida foi de 4,03 no Teste de Primeiros Socorros para Educadores (TPSE). Os temas com menor desempenho de conhecimento em ordem crescente de acertos foi: sangramento nasal (15%), afogamento (26,1%), engasgamento (28,4%), quedas (29,1%) e o primeiro contato para o qual se deve ligar em situação de emergência (31%). A única questão que mais de 50% dos docentes conseguiram responder corretamente foi acerca do tema choque elétrico, com 84,6% de acertos.

Tabela 3. Análise de regressão linear múltipla.

Variável	Estimativas	t	p-valor
<b>Gênero</b>			
Masculino – Feminino	0,1066	0,203	0,839
<b>Faixa etária</b>			
40-59 – 19-39 anos	-0,2990	-1,307	0,192
60+ – 19-39 anos	-0,6297	-0,931	0,353
<b>Tipo de escola</b>			
Pública – Privada	-0,3617	-1,348	0,179
Pública e privada – Privada	-10,170	-1,217	0,225
<b>Nível de ensino lecionado</b>			
Ensino Infantil e Fundamental I – Ensino Fundamental I	0,0651	0,173	0,863
Ensino infantil – Ensino Fundamental I	0,0366	0,157	0,875
<b>Nível de escolaridade</b>			
Ensino médio – Pós-graduação	-0,6106	-1,740	0,083
Intercepto <sup>a</sup>	76,303	14,855	< 0,001

Fonte: Autores (2024).

A Tabela 3 traz os dados referentes à análise da influência das variáveis independentes sobre a pontuação obtida no TPSE. O método resultou em um coeficiente de determinação ajustado ( $R^2$  ajustado) de 24,2%, indicando que aproximadamente 24,2% da variação na pontuação dos professores no teste pode ser explicada pelas variáveis



independentes incluídas no modelo. O restante da variabilidade deve-se a fatores não capturados pelo modelo ou a variáveis não mensuradas.

Os resultados da regressão linear múltipla, revelaram variáveis inferencialmente associadas ao desempenho dos professores quanto ao conhecimento de primeiros socorros. Considerando os dados dispostos na Tabela 3, o Intercepto ( $\beta_0 = 76,303$ ), o qual representa a pontuação média esperada no teste quando todas as variáveis independentes são mantidas no nível de referência, foi constatado um p-valor significativo em três variáveis que demonstraram influência sobre o desempenho no TPSE.

Na Tabela 3, encontra-se as três variáveis supracitadas que influenciaram no desempenho dos professores no TPSE. A primeira variável se refere à autopercepção de preparo, a qual demonstra que professores "despreparados" obtiveram, em média, 13,38 pontos a menos do que os "preparados" ( $p=0,005$ ). Os professores "pouco preparados" tiveram uma redução média de 0,92 pontos em comparação aos "preparados" ( $p=0,035$ ). A segunda variável diz respeito à vivência de situações de emergência, tendo sido verificado que professores os quais presenciaram emergências no ambiente escolar apresentaram uma redução média de 16,78 pontos em relação aos que nunca vivenciaram tais situações ( $p<0,001$ ). Finalmente, a capacitação em primeiros socorros também demonstrou influência sobre o conhecimento sobre primeiros socorros, de modo que o grupo o qual nunca recebeu capacitação prévia obteve, em média, 0,80 pontos a menos do que os professores capacitados ( $p=0,002$ ).

Os resultados indicam que a autopercepção de preparo, a experiência com emergências e a capacitação em primeiros socorros são os principais fatores associados ao desempenho no teste. Professores que se consideram despreparados ou que nunca participaram de capacitações formais apresentam desempenho inferior, destacando a importância da formação prática e da confiança no próprio conhecimento (Tabela 3).

Por outro lado, a ausência de impacto significativo ( $p>0,05$ ) de variáveis como gênero, idade e escolaridade sugere que o conhecimento sobre primeiros socorros pode ser mais dependente de treinamento específico e experiências práticas do que de características demográficas ou acadêmicas.

#### 4. DISCUSSÃO

Os resultados apresentados indicam uma preocupante lacuna no conhecimento e na preparação dos professores para lidar com situações de primeiros socorros no ambiente escolar. O primeiro ponto em questão a ser discutido trata-se da pequena quantidade de professores (31,4%) que já teve contato prévio com o conteúdo de primeiros socorros. Isso porque, além de ser um pequeno percentual frente à importância dada pelos relatos dos próprios educadores, também existe uma questão legal por trás disso, que demonstra uma falha substancial da execução do que é proposto no legislativo.

A Lei Lucas<sup>11</sup> apenas reforça o que deveria ser básico a ser considerado quando a instituição assume a responsabilidade sobre o bem-estar de alguém, inclusive no que tange ao que fica entre a vida e a morte. A inconsistência é notável quando se analisa que esta Lei foi instituída após um garoto de 10 anos falecer após ter se engasgado com um pedaço de salsicha e no momento a professora presente não estava capacitada para prestar os primeiros socorros e, apesar disso, apenas 26,5% dos professores envolvidos nesta pesquisa referem que saberia prestar socorro a uma criança engasgada, reforçando a fragilidade legislativa brasileira, inclusive ratificando o resultado do desempenho na questão sobre engasgamento, com 71,6% de respostas erradas.

Em uma revisão integrativa, De Oliveira *et al*<sup>18</sup> agrupou vários estudos que reforçam a importância da capacitação em primeiros socorros, demonstrando que a intervenção educativa melhora o padrão de respostas e atitudes em primeiros socorros na escola. A abordagem da capacitação em primeiros socorros, seja ela de forma interativa, palestras ou vídeos on-line, resulta em um melhor perfil de preparo para primeiros socorros, embora aqueles que foram submetidos à forma interativa consigam um desempenho melhor, dado que as simulações consolidam as habilidades práticas para prestar primeiros socorros, não restringindo-se apenas à teoria<sup>19-20-21-22</sup>.

O embasamento científico quanto à melhora do perfil de conhecimento sobre primeiros socorros após a capacitação nas escolas, reforça os resultados deste estudo, visto que se verificou um percentual de 67% dos docentes atuantes em escolas públicas e que a maioria deles (68,6%) nunca recebeu treinamento formal sobre primeiros socorros, evidenciando uma negligência no cumprimento da Lei Lucas<sup>11</sup>, principalmente em escolas sob a gestão do poder público.

Esse cenário é especialmente alarmante quando se considera que 86,6% dos professores já presenciaram situações de emergência, como sangramento nasal, quedas e crises convulsivas, reforçando a necessidade de treinamentos regulares e específicos. Afinal, tal qual verificado através da metodologia aplicada, o contato com situações de emergência na escola tem relação paradoxalmente inversa com o desempenho, demonstrando que presenciar o acontecimento não gera conhecimento nem promove o desenvolvimento de habilidades, enquanto, por outro lado, infere-se por associação direta o impacto positivo entre capacitação e melhor desempenho.

A soma das premissas supracitadas corrobora o impacto estatisticamente significativo da capacitação prévia em primeiros socorros para um melhor desempenho em avaliação sobre primeiros socorros, bem como para a prevenção de acidentes, assim como notado em outros estudos<sup>19-20-21-22-23</sup>. Ademais, o treinamento e a exposição dialogada sobre primeiros socorros não só melhoraram o perfil de desempenho, como também reforçou o reconhecimento das emergências para então saber proceder à ocorrência<sup>24</sup>.

Amplifica-se a importância desta discussão à luz de Malta *et al.*<sup>25</sup>, o qual afirma que os acidentes e violências na infância podem resultar em danos irreparáveis, sejam emocionais, físicos, sociais, e marcando definitivamente as vidas de crianças, além das famílias e sociedade, uma vez que muitos destes acidentes podem representar risco de sequelas temporárias ou permanentes, ou até mesmo o óbito do estudante. Muitos destes acidentes podem representar risco de sequelas temporárias ou permanentes, ou até mesmo o óbito do estudante.

Esses trágicos eventos podem se tornar ainda mais complicados quando o professor é o único adulto no local e não sabe como socorrer a vítima, podendo assumir uma postura omissa diante do problema ou realizar condutas inapropriadas que podem agravar a situação. Ao invés disso, o educador deve agir de forma rápida e sistemática, prestar os primeiros socorros e estabilizar a vítima. Logo, a capacitação dos professores como socorrista nestas circunstâncias é crucial, pois eles são os principais cuidadores nas escolas e a primeira proteção para os alunos, com um papel complementar aos dos pais, sendo geralmente os primeiros a responder em caso de desastre ou emergência na escola<sup>18</sup>.

A autopercepção de despreparo, relatada pela maioria dos participantes, está em consonância com os baixos índices de conhecimento teórico e a escassez de materiais de primeiros socorros nas escolas. A falta de itens básicos, como talas, ataduras e bolsas de

gelo, já verificada em outros estudos<sup>26-27</sup>, compromete ainda mais a capacidade de resposta dos educadores, o que pode resultar em consequências negativas para a saúde dos alunos em situações emergenciais. Em suma, a implementação eficaz de programas de capacitação continuada em primeiros socorros, associada ao fornecimento de materiais adequados, é essencial para melhorar a segurança e o bem-estar nas escolas.

Outros pesquisadores asseveram a perspectiva deste estudo, demonstrando que grande parcela dos professores já vivenciaram situações de emergência na escola, mas são inseguros quanto às situações descritas, pois possuem conhecimento baseado no senso comum<sup>28</sup>, assimilando-se aos resultados desta pesquisa quanto à vivência de situações que urgiram de primeiros socorros pelos professores em ambiente escolar (86,6%). Estes resultados reforçam a urgência da necessidade de capacitação adequada dos professores para minimizar os danos, alinhando-se com as obrigações do poder público em garantir a capacitação e dos professores em aprender para agir corretamente diante dessas situações.

Além disso, a falta de capacitação (68,6%) é um importante fator sobre a autopercepção quanto ao nível de preparação em prestar primeiros socorros. Alguns professores podem sentir-se inseguros em sua capacidade de lidar com certas situações, sobretudo se não receberam treinamento adequado em primeiros socorros. Além do mais, os professores podem enfrentar obstáculos logísticos ou administrativos, como falta de equipamentos ou políticas escolares restritivas, que podem dificultar a prestação de cuidados de primeiros socorros<sup>29</sup>.

Nesse contexto, o Programa Saúde na Escola (PSE)<sup>30</sup> configura-se como uma iniciativa que, ao contrário do que ocorre atualmente envolvendo a população estudada, deveria promover a intersetorialidade entre os campos da saúde e da educação, viabilizando a atuação integrada da Estratégia de Saúde da Família junto a estudantes e docentes no ambiente escolar, por meio de ações voltadas à prevenção e identificação de urgência/emergência no ambiente escolar, em como as fragilidades envolvidas. O enfoque nos primeiros socorros no ambiente educacional converge com as atividades previstas pelo PSE, uma vez que aborda uma temática inerente à saúde e diretamente experienciada no cotidiano escolar<sup>31</sup>.

Logo, a análise dos resultados demonstra a necessidade urgente de implementar ações mais eficazes para a capacitação em primeiros socorros nas instituições de ensino, alinhando o cumprimento das normas existentes com a oferta de materiais e equipamentos

adequados. Essa estratégia aprimora a formação técnica dos educadores, tornando a escola um ambiente mais seguro e preventivo. Além disso, é fundamental estabelecer uma colaboração intersetorial sólida que una saúde e educação, conforme recomendado pelo PSE<sup>30</sup>, para assegurar o suporte técnico necessário e promover a formação contínua dos professores. Assim, a capacitação em primeiros socorros deve ser considerada uma ferramenta crucial, capacitando os educadores a responder de forma eficaz em situações de emergência, protegendo a saúde física e emocional dos alunos e reduzindo os riscos de acidentes, consequências e fatalidades no ambiente escolar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa evidenciam uma lacuna crítica na formação de professores da educação infantil e do ensino fundamental I em primeiros socorros, confirmada pelo desempenho insatisfatório no Teste de Primeiros Socorros para Educadores, associado à ausência de capacitação prévia, à baixa autopercepção de preparo e à vivência de emergências escolares sem suporte adequado. Apesar da obrigatoriedade legal de treinamentos periódicos, a maioria dos docentes relatou nunca ter recebido formação formal, o que reforça a distância entre a legislação e a prática.

Constatou-se que, embora os professores frequentemente enfrentem situações como quedas, engasgos e crises convulsivas, a falta de treinamento gera insegurança e compromete a eficácia da resposta. Soma-se a isso a escassez de materiais básicos de primeiros socorros nas escolas, que limita ainda mais as possibilidades de intervenção.

Este estudo contribui ao evidenciar a necessidade de políticas públicas que assegurem a capacitação contínua e a disponibilização de recursos materiais nas instituições de ensino, promovendo integração entre saúde e educação. Como lacuna, destaca-se a ausência de protocolos padronizados e de investigações mais abrangentes em diferentes contextos escolares, recomendando-se novos estudos voltados à avaliação de estratégias de capacitação prática e intervenções estruturais.

## REFERÊNCIAS

- 1 Brasil. Ministério da Saúde. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.
- 2 Mohajervatan A, Raeisi AR, Atighechian G, Tavakoli N, Muosavi H. The efficacy of operational first aid training course in preschool children. *Health Emerg Disasters Q.* 2020;6(1):17-22.
- 3 Brasil. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Caderno do gestor do PSE. Brasília: Ministério da Saúde; 2015.
- 4 Oliveira RA. Comportamentos de risco para acidentes em playgrounds: identificação e opiniões de profissionais da educação infantil [tese]. Marília: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências; 2008.
- 5 Martins CBG. Acidentes e violências na infância e adolescência: fatores de risco e de proteção. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2013;66(4):578-584.
- 6 Reis TS, Oliveira IS, Santos JMJ, Farre AGMC, Rodrigues IDC, Leite AM, et al. Conhecimentos e atitudes de crianças escolares sobre prevenção de acidentes. *Cien Saude Colet.* 2021;26(3):1077-1084.
- 7 Magalhães DF, Nobre KFT, Theis LC, Basegio LF. Accidents in early childhood: nursing contributions in the construction of preventive orientations. *Res Soc Dev.* 2021;10(2).
- 8 Villarinho GAV. O bullying e a responsabilidade civil das escolas [trabalho de conclusão de curso]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2021.
- 9 Brasil. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Código Civil. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro; 11 jan. 2002.
- 10 Brasil. Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro; 31 dez. 1940.
- 11 Brasil. Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018. Lei Lucas. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF; 4 out. 2018.
- 12 Grimaldi MRM, Gonçalves LMS, Melo ACOS, Melo FI, Aguiar ASC, Lima MMN. A escola como espaço para aprendizado sobre primeiros socorros. *Rev Enferm UFSM.* 2020;10(e20):1-15.
- 13 Soltovski W, Souza G. Principais lesões encontradas nas aulas práticas de Educação Física em três escolas da rede estadual de ensino da cidade de Ponta Grossa-PR. [Trabalhos de Conclusão de Curso]. Faculdade Sant'Ana; 2018.
- 14 Santos NS, Santos GA, Macedo LFMS, Freitas JC, Freitas AC. Perception of high school students on first aid. *Res Soc Dev.* 2021;10(7).
- 15 Carmo HO, Souza RCA, Araújo CLO, Francisco AG. Atitudes dos docentes de educação infantil em situação de acidente escolar. *Rev Enferm Cent Oeste Min.* 2017;7.



- 
- 16 Brasil. Ministério da Saúde. Banco de dados do Sistema Único de Saúde-DATASUS. Sistema de Informações Hospitalares.
- 17 Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Básica 2021. Brasília: Inep; 2022.
- 18 Oliveira CBS, Nascimento DJS, Gomes GER, Silva MIL, Albuquerque AM. Primeiros socorros na escola: perspectivas do conhecimento e da capacitação de professores. *Educ Cienc Saude*. 2022;9(1).
- 19 Luckie K, Saini B, Galstaun V, Kritikos V, Collins JC, Moles RJ. The effectiveness of an online training programme to prepare teachers to provide asthma first aid. *J Paediatr Child Health* 2018; 54(12):1348-1352.
- 20 Luckie K, Saini B, Soo YY, Kritikos V, Collins JC, Moles RJ. Impact of scenario based training on asthma first aid knowledge and skills in school staff: an open label, three-arm, parallel-group repeated measures study. *J Asthma* 2018; 56(9):973-984.
- 21 Zonta JB, Eduardo AHA, Ferreira MVF, Chaves GH, Okido ACC. Autoconfiança no manejo das intercorrências de saúde na escola: contribuições da simulação in situ. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2019; 27.
- 22 Li F, Zhang JS, Sheng XY, Wang JL, Shen XM, Xia WP, et al. Effects of three different first-aid training methods on knowledge retention of caregivers and teachers: a randomized and longitudinal cohort study in China. *Public Health* 2020; 178:97-104.
- 23 Costa P, Silva LS, Silva MT, Floriano CMF, Orsi KCSC. Efeitos de oficina educativa sobre prevenção e cuidados à criança com engasgo: estudo de intervenção. *Rev Enferm Cent Oeste Min*. 2020;10.
- 24 Brito JG, Oliveira IP de, Godoy CB de, França APSJM. Effect of first aid training on teams from special education schools. *Rev Bras Enferm [Internet]*. 2020;73(2):e20180288.
- 25 Malta DC, Mascarenhas MDM, Silva MMA, Carvalho MGO, Barufaldi LA, Avanci JQ, et al. A ocorrência de causas externas na infância em serviços de urgência: aspectos epidemiológicos, Brasil, 2014. *Ciênc saúde coletiva [Internet]*. 2016 Dec;21(12):3729–44.
- 26 Amadigi FR, Ploêncio TA, Lino MM, Machado RR, Freitas TG de. Posturas e conhecimentos de educadores em relação aos primeiros socorros na escola. *Saberes Plur*. 2023;6(2).
- 27 Silva AB, Guimarães AM, Almeida PVS, Oliveira CWG, Fonseca PEN, Queiroz JC. O ensino de técnicas de primeiros socorros em uma escola pública: relato de experiência. *Rev Ext Cidad*. 2022;10(18):59-68.
- 28 Silva BR, Lima FRP, Elias EA, Cardoso FB. Knowledge and approach to first aid in the school environment: education in health and nursing. *Res Soc Dev [Internet]*. 2023 Jan;12(1).

29 Martins GP, França TJ, Dias AK, Santos JM, Couto GBF. A importância do conhecimento de práticas de primeiros socorros no ambiente escolar: uma revisão de literatura. *Facit Bus Technol J.* 2023;1(44).

30 Brasil. Ministério da Educação. Ministério da Saúde. Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. *Diário Oficial da União*, v. 1; 2007.

31 Galindo Neto NM, Carvalho GCN, Castro RCMB, Caetano JA, Santos ECB, Silva TM, et al. Teachers' experiences about first aid at school. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2018;71:1678–84.